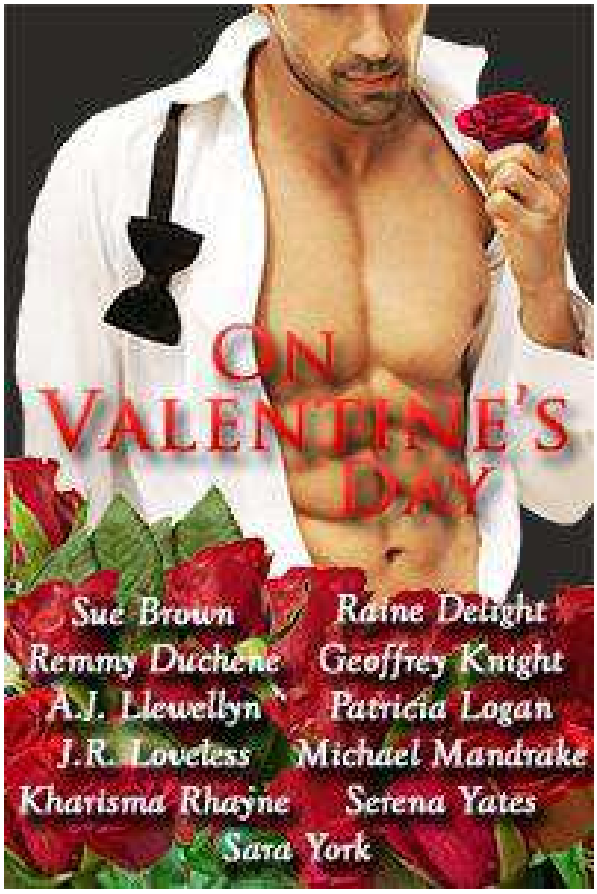

SEJA MEU NAMORADO, BOBBY BRYSON

Geoffrey Knight

Disponibilização: Mimi

Revisão Inicial: Angéllica

Revisão Final: Mimi

Gênero: Especial / Contemporâneo

Seja meu namorado, Bobby Bryson por Geoffrey Knight *- Com sete anos, Mikey Madsen faz um cartão de Dia dos Namorados para alguém chamado Bobby Bryson, ao que parecia para aqueles ao seu redor, que eram a pedra angular da sociedade, poderia desmoronar. Sua professora foi para baixo, o diretor da escola vai para o controle de danos e sua mãe solteira Kate, não tem certeza de como lidar com o fato de que seu filho acaba de declarar o seu amor por outro rapaz.*

Será que os professores e os avós de Mikey o convenceriam de que ele tinha feito algum tipo de 'erro'? Será que a percepção de romance da sociedade altera para sempre a compreensão de um garoto ao amor verdadeiro? E quem é Bobby Bryson?

COMENTÁRIOS DA REVISÃO

ANGÉLLICA

Essa história é emocionante, lindíssima. Classificação especial, por que tem uma lição de vida peculiar. Mostrando que as coisas poderiam ser tão simples e os outros complicam... complicam muito.

A mãe de Mike se atrapalhou um pouco, mas mostrou tanto amor em aceitar a ação do seu filho, sem questionar e nunca repreender. Já os avós e professores... Aff!

Não tem uma cena sexual, não tem pegação... mas tem amor, puro de uma criança de sete anos, que não entendia, apenas sentia.

MIMI

Realmente foi gostoso de ler. Às vezes dificultamos a vida, quando a coisa mais importante a ser vista e ser a principal é o AMOR. Independente de onde venha e de quem venha. O preconceito é a pior arma do ser humano.

No Dia dos Namorados, com sete anos de idade, Mikey Madsen finalmente se apaixonou. Não com qualquer um em sua classe. Nem mesmo com Bobby Bryson. Mas com alguém totalmente inesperado.

Tudo começou em uma agitação.

A Sra. Clement correu pelo corredor da escola em direção ao escritório do diretor, seu nariz se contorcendo em irritação como se um mosquito acabara de chegar até sua narina. Seus saltos *clicando* com uma urgência que a pequena escola não tinha visto, desde o dia em que o canário da Sra. Granger, da classe da primeira série tinha escapado de sua jaula e começou a assentar no pequeno cabelo já bagunçado de Lucy Kincade. Sim, desde o grampo no passo da Sra. Clement e o mosquito invisível no nariz, algo terrivelmente perturbador e digno tinha acontecido no de *Elk Ridge Elementary*.

"Sr. Busby! Sr. Busby!"

A porta do escritório do diretor se abriu e a Sra. Clement inclinou dramaticamente na maçaneta da porta, como se fosse a única coisa sustentando-a.

O Sr. Busby levantou-se, alarmado. "Senhor acima, Sra. Clement. Você está bem?"

"Eu certamente não estou." A mulher anunciou agitada, balançando a cabeça e acenando com alguma coisa no ar.

Com toda a agitação o Sr. Busby não estava inteiramente certo que a Sra. Clement estava segurando, até que ela finalmente parou de acenar o objeto, e acrescentou: *"Isso... não* é certo!"

Com mais alguns *cliques* ela se aproximou da mesa do Sr. Busby e bateu com o que parecia ser... "Um cartão do dia dos namorados?" O Sr. Busby estava confuso, olhando para o cartão em forma de coração vermelho, que obviamente tinha sido feito por um dos alunos da segunda série da Sra. Clement. "É Dia dos Namorados, Sra. Clement. Que diabos está errado com um cartão de Dia dos Namorados, no Dia dos Namorados?"

"Não é o cartão que está errado... embora o trabalho de uma tesoura por Mikey Madsen em torno do coração, certamente poderia fazer com algum corte. É o nome *no* cartão que está errado!"

Ela tomou a liberdade de abrir o pequeno coração.

Foi quando as sobrancelhas de Sr. Busby deixaram de ser simplesmente espessas... desafiando a gravidade.

Só depois de duas horas da tarde, a bomba na máquina de lavar roupa velha e frágil rompeu e inundou o porão. Felizmente, o jovem faz tudo que estava trabalhando em reparos no telhado da casa em ruínas veio em socorro de Kate Madsen.

Não que Kate Madsen fosse qualquer tipo de donzela em perigo. Como uma mãe solteira, tinha estado consertando canos com vazamentos, troca de pneus lisos e resgatando jantares queimados por cinco anos. Para o dia.

Mas alguns dias e no Dia dos Namorados em especial, era sempre um pouco mais difícil de suportar o impacto de uma bomba de explodindo e um porão enchendo de água. Assim, quando o jovem faz-tudo bonito veio para disputar a bomba jorrando de Kate em sua camisa encharcada e jeans, ela agradeceu e assistiu com gratidão quando ele desligou a água na tubulação com a sua chave.

Encharcada e minada de toda a dignidade, Kate brincou, perguntando: "Diga-me, o que você está fazendo para Dia dos Namorados? Olhando para um encontro quente?" Ela

seguiu-o com uma risada forçada, o que naturalmente tornou a situação ainda mais embaraçosa.

"Obrigado." Disse o jovem graciosamente. "Mas eu já tenho um."

"Claro que sim." Kate acenou com a cabeça. "Eu estava apenas... Eu não sou muito boa em ser engraçada."

"Claro que você é." Disse o jovem convincente antes de mudar rapidamente de assunto.

"A propósito, eu tenho quase terminado o trabalho nesse último vazamento no telhado. Depois disso, pensei que iria tentar resolver a escada para a casa da árvore velha atrás."

"Oh, não, por favor, não se preocupe com isso, vou pagá-lo pelo telhado, se estiver tudo bem."

"Não, está tudo bem, quero fazer a escada gratuitamente. Eu costumava ter uma casa na árvore como essa, quando era criança. Acho que seu filho vai amá-la."

"Obrigada." Kate sorriu. "Mikey não ama o seu próprio espaço. E não é fácil ser o novo garoto na cidade. Com uma mãe solteira. Na casa mais barata que poderíamos pagar."

"É um lugar agradável." O trabalhador assegurou. "Algumas coisas só precisam de um pouco mais de amor do que outras."

Com isso, ele voltou ao seu trabalho, enquanto Kate limpou o chão do porão. O esfregão rangia para frente e para trás e, por um momento cheio de autopiedade que sentia como se fosse tudo o que tinha feito durante os últimos cinco anos.

Enxugar as lágrimas.

Esfregar longe o passado.

Esfregar longe a tristeza.

De repente, estava com raiva de novo. Não tinha ficado com raiva por muito tempo. Isto havia sido a segunda emoção batendo nela no Dia dos Namorados há cinco anos, após o choque haver diminuído. Sim, depois que a notícia tinha finalmente afundado naquele dia terrível, Kate estava com raiva.

Furiosa.

O homem que ela havia casado, o homem que tanto amava, a tinha deixado.

Abandonado ela e Mikey.

Ele simplesmente saiu pela porta de manhã e prometeu voltar para casa do trabalho com flores.

E ela nunca mais o viu.

Mas a verdade era que ele não tinha simplesmente saído pela porta naquele dia, ele saiu pela porta com a sua mala em uma mão e um jornal na outra, entrou em seu carro, e dez minutos depois estava morto instantaneamente por um caminhão que tinha passado um farol vermelho.

Parada no porão agora, lágrimas de raiva passaram pelo rosto de Kate mais uma vez.

E enxugou-as com a palma da sua mão.

Neste Dia dos Namorados, Mikey fez tanto quanto um quarteirão da escola, antes que fosse empurrado pelas costas tão duro que não havia como parar a queda. Ele bateu no chão com um grunhido e uma *rachadura* misteriosa, pastando ambos os cotovelos e os joelhos antes de rolar para ver Freddy Finkler de pé sobre ele, bloqueando o sol, ladeado por seus dois capangas, Eddie Donovan e 'Mutt' Malone.

"O que você escreveu?" Freddy exigiu antes de colocar uma bota para o lado de Mikey.

Mikey grunhiu novamente e chiou: "Eu não sei do que você está falando."

"Em seu cartão de Dia dos Namorados estúpido. Todos nós vimos a vaca velha Clement surtar quando o viu. Então o que diabos você escreveu sobre ele?"

"Não é da sua maldita conta!"

Freddy se lançou para Mikey, pegando sua jaqueta, a fim de arrancar-lhe os pés, mas antes que pudesse pegar sua presa o garoto muito menor foi ágil e conseguiu saltar em seus pés e quebrar em uma corrida.

Por trás, Mikey ouviu um grito que ouvira muitas vezes em seu curto período de tempo em *Elk's Ridge*. "Pegue-o!"

Mas o que Mikey faltava em tamanho e força muscular, ele mais do que compensava na velocidade. Com instinto de sobrevivência de menino e pernas magras levou-se ao outro lado da rua, através da antiga propriedade Sturgess e sobre a ponte *Calder's Creek*, Freddy e seus capangas gradualmente caíram para trás, até que finalmente eles foram fora da vista.

Ofegante, Mikey encostou-se à árvore mais próxima e puxou o inalador para a asma do bolso do paletó.

A caixa tinha quebrado.

Então essa foi à *rachadura!*

Ele tentou se acalmar e recuperar o fôlego, sem o uso de seu inalador. Demorou um pouco de concentração. Ele fechou os olhos. E de repente, na escuridão por trás de suas pálpebras, viu um rosto.

Um rosto bonito.

O rosto de Bobby Bryson.

Lentamente, seus medos, pânico e falta de ar derreteram.

Mikey sentiu um sorriso se espalhar pelo rosto dele, e por algum motivo aleatório, ele decidiu...

"Um cupcake[1]. Eu vou fazer cupcake no Dia dos Namorados para Bobby Bryson."

---

[1]

Kate terminou de esfregar e agora estava varrendo a varanda da frente. O que era diferente do que esfregar. Esfregar sempre deixou as coisas molhadas. As coisas tinham que secar. Com a varrição, um golpe de vassoura e era, como se as folhas e poeira nunca estiveram lá mesmo. Ela poderia fingir que nada disso nunca existiu.

Sim, Kate Madsen preferia muito mais varrer a esfregar.

Com a vassoura indo a frente e para trás, um sino repicou da rua.

Foi o sinal a partir de uma bicicleta.

Bicicleta do carteiro.

Kate virou-se e viu um dos poucos caras no cume de *Elk's* que realmente a fez sorrir: o rosto de Pete Albright, o carteiro local. Ela largou a vassoura, e sem perceber escovou a parte da frente de sua camisa amassada para suavizar as rugas, a que tinha arrancado do cesto de roupa suja, após a mudança de suas roupas molhadas.

Quando Pete acenou para ela, Kate fez seu caminho descendo as escadas da varanda e até a caixa de correio de uma forma consciente casual.

"Como está hoje, Sra. Madsen?" Pete disse, soando um pouco tímido enquanto classificava através do correio.

"Oh Pete, eu já lhe disse antes. Você pode me chamar de Kate."

"Claro.Eu lembro. É apenas um hábito difícil de quebrar, quando você vê o sobrenome de todos em seu correio todos os dias."

Ele corou um pouco, e Kate podia ver a vermelhidão em seu rosto. Como se pudesse sentir o calor em seu rosto, ele rapidamente arrancou o capacete de bicicleta, enxugou a testa e cabeça careca, que o fez corar ainda mais, como se estivesse se despindo diante dela, revelando mais de si mesmo do que um simples carteiro fazendo seu trabalho. Desde o dia em que se conheceram, Kate sabia que Pete Albright era um homem doce, e ela já estava tomada pelo desejo de lhe dizer isso... mas não fez.

Em vez disso, levou o correio que ele lhe deu.

Conta de gás.

Conta de energia elétrica.

Projeto seguro da casa.

"Nenhum cartão, eu temo." Informou Pete em desculpas, como se fosse culpá-lo.

Kate sorriu e balançou a cabeça. "Obrigada, mas não estava esperando nada. Acho que não tenho mais toda a coisa dos Namorados há muito tempo."

"Oh." Disse Pete sem jeito.

Kate não podia ajudar, mas achou que suas palavras o tinham de repente entristecido, como se tivesse acabado de deixar escapar que não havia Papai Noel para uma criança de quatro anos de idade. "Oh, eu quero dizer, acho que é bom para todo mundo." Ela desabafou. "É só que ... bem, eu sei que para mim ..." Acabou dando de ombros e dizendo: "É meio complicado."

"Eu vejo." Disse ele, mas era óbvio que não entendia.

Kate deu um passo para trás desconfortável. "Eu deveria voltar a varrer."

"Eu também." Disse Pete. Em seguida, concertou completamente, "Quero dizer, não varrer... cartas... cartas para entregar... às caixas do correio das pessoas."

Quando ele partiu, Kate fez seu caminho de volta ansiosamente para a varanda, pegou sua vassoura e deixou a porta de tela bater conforme correu para dentro da casa velha, determinada agora a varrer a sujeira na cozinha.

Basta fazer tudo desaparecer.

Mikey correu no gramado da frente da casa antiga, já estava fazendo um caminho mais curto para a varanda, antes que algo chamou sua atenção.

Ele parou e olhou para a calçada coberta de algas.

De onde estava podia ver a metade do quintal, bem como a velha árvore grande de pé alta e orgulhosa em um canto, e em uma escada encostada a árvore estava o faz-tudo que a mãe de Mikey tinha contratado, para consertar o telhado da casa em relação aos últimos dias.

Só que ele não estava mais fixando peças.

Ele estava martelando novos degraus de madeira sobre a velha escada quebrada, que chegou da grama da casa da árvore escondida em meio a grossos, galhos retorcidos da árvore.

Mikey engasgou com pura alegria e correu para o quintal.

Ao pé da árvore, ele olhou com espanto.

“Isso é...?” Mikey não poderia terminar sua pergunta, ele estava tão animado.

Do alto da escada, o faz-tudo olhou por cima do ombro e sorriu. “Para você. Sim, é."

“Uau.” Mikey disse, a palavra flutuando de seus lábios em uma golfada de ar.

Quando o faz-tudo voltou a martelar, ele voltou para baixo. "Deve estar terminada em poucas horas. Então esta casa na árvore é toda sua."

Os olhos de Mikey se iluminaram com ainda mais emoção, antes que se lembrou do que tinha corrido para fazer em casa. O que era para Bobby Bryson.

"Eu tenho que ir." Disse ao faz-tudo. "Há algo que tenho de fazer."

Dentro da cozinha, ele jogou sua mochila no balcão da cozinha e lutou contra um beijo na cabeça de sua mãe.

"Feliz Dia dos Namorados, meu homem bonito." Kate Madsen murmurou em seu cabelo bagunçado.

Mas Mikey já estava chegando para a copa, tirando dos braços de sua mãe, antes de vasculhar os ingredientes. "O que eu preciso para fazer um cupcake?"

"Um o que?" Sua mãe pareceu surpresa.

"É para o Dia dos Namorados." Ele balançou a cabeça.

Kate parecia ainda mais surpresa. E satisfeita. "Oh, querido, você tem uma namorada?"

Mikey assentiu o assunto com naturalidade.

"Você fez um cartão na escola?"

Ele balançou a cabeça de novo e acrescentou: "Sim, mas a Sra. Clement o tirou de mim."

"Ah, serio? Por quê?"

A resposta já estava a caminho, quando a campainha da porta da frente tocou.

Mikey ficou na cozinha, descompactando ingredientes aleatórios para seu cupcake, enquanto sua mãe se dirigiu até a porta da frente.

Mikey ouviu o ranger da porta de tela aberta.

Um momento depois, ele ouviu a voz do Sr. Busby, o diretor da escola. "Sra. Madsen, acho que nós precisamos conversar."

O cartão do Dia dos namorados vermelho, em forma de coração, mas mal aparado, foi colocado na mesa de café pelo Sr. Busby.

Kate sentou-se diante do que pareceu um painel de juízes e estabeleceu uma bandeja com xícaras de café e um açucareiro ao lado do cartão. Mikey já tinha sido enviado para fora para brincar, sob a instrução discreta do Sr. Busby à mãe de Mikey.

Agora, a partir do sofá ao lado de Kate, o Sr. Busby e a Sra. Clement, cada um açucarando seus cafés e respirando fundo.

"Sra. Madsen." O diretor da escola começou. "Eu tenho certeza que você pode apreciar que o Dia dos Namorados é uma celebração de..."

Ele parou por um momento, e a Sra. Clement terminou sua frase com: "Tradição."

"Belas morais." O Sr. Busby acrescentou.

"Valores cristãos." A Sra. Clement assentiu.

"Respeito à instituição do casamento e da definição de família."

"Respeito ao maior amor que existe, o amor entre um homem e uma mulher." A Sra. Clement terminou. Por um momento, as pálpebras se agitaram na direção do Sr. Busby, antes que ele limpou a garganta para continuar.

"Este cartão, no entanto... feito por seu filho na sala de aula da Sra. Clement hoje... não representa qualquer coisa virtuosa em tudo sobre o Dia dos Namorados."

Ele pegou o cartão e entregou-o a Sra. Madsen, que o levou nervosamente... junto com uma respiração profunda, ansiosa.

Ela abriu o cartão em forma de coração e olhou para a letra de seu filho no interior.

Ao meu Namorado

Bobby Bryson

"Oh." Era tudo que Kate pôde pronunciar.

"Oh, de fato." O Sr. Busby concordou. "Desnecessário será dizer que isto nos pegou todos um pouco de surpresa. Nós estamos esperando realmente que este 'Bobby' seja uma menina em seu bairro, mas temos o dobro verificado em nossos registros de classe e não há nenhuma criança, homem ou mulher, com esse nome na escola."

"Obviamente, isso é como um grande choque para você, pois é para nós." A Sra. Clement continuou. "E com você sendo uma mãe solteira, nós sabemos das dificuldades que vêm com a criação de uma criança por conta própria."

"É por isso que viemos." O Sr. Busby reinterou. "Para que eu pudesse ter uma conversa com o menino sozinho. De homem para homem... por assim dizer. Para descobrir quem é este Bobby Bryson. E para dar a Mikey uma compreensão de como as coisas *deveriam* ser, no caso que ele esteja um pouco confuso."

"Confuso sobre o quê?" Disse uma voz da porta da cozinha.

Os três adultos se viraram para ver Mikey lá com um saco de farinha em uma mão e uma caixa de ovos na outra.

"Mikey." Disse sua mãe, um pouco nervosa. "Eu pensei que você pedi para sair e brincar?"

"Eu fiz, por um pouco de tempo, mas preciso fazer o meu cupcake dos Namorados, lembra-se?"

"Por que não consigo isso para você, querido?" Kate Madsen ofereceu em um pouco de pânico. "Enquanto isso, o Sr. Busby gostaria de ter uma conversa rápida com você, querido. Sobre o seu cartão de namorados. Você está bem com isso?"

Mikey encolheu os ombros com indiferença, enquanto sua mãe colocou o cartão de volta na mesa, correu para a porta da cozinha e pegou a farinha e os ovos de seu filho. Ao fazê-lo, acrescentou o assunto com naturalidade, "Mãe, será que podemos colocar geada azul no topo? Meninos gostam de azul."

O Sr. Busby e a Sra. Clement dispararam um ao outro um olhar desconfiado.

Kate deu uma risada nervosa, então beijou seu filho sobre o topo de sua cabeça e correu para a cozinha.

"Talvez eu devesse ajudá-la." A Sra. Clement sugeriu ao Sr. Busby. "Eu sei que meu jeito em torno de uma cozinha é melhor do que uma sala de aula."

"Eu não esperaria nada menos." O Sr. Busby acenou com a cabeça em aprovação.

Quando a Sra. Clement saiu da sala, o Sr. Busby indicou para Mikey ter um assento no sofá em frente a ele. "Mikey, você sabe por que a Sra. Clement e eu viemos visitá-lo?"

"É sobre o meu cartão dos Namorados?"

"Por que você acha que é sobre o cartão dos Namorados?"

"Porque a Sra. Clement tirou de mim na escola. E agora ele está sentado em cima da mesa."

"Existe alguma razão para que você possa pensar, qualquer coisa fora do comum a todos, que possa fazer-nos querer trazer o cartão para a atenção de sua mãe?"

"Será que eu escrevi 'Namorado' errado? É uma palavra muito grande, é meio difícil de escrever."

"Não é isso."

"Eu fiz um mau trabalho de corte na forma do coração? Sei que meio que fiz, mas a tesoura era contundente."

"Sim, você fez um trabalho terrível. Mas não é isso que é."

Mikey procurou o ar, o lábio inferior protuberante quando coçou a cabeça. "Eu não sei." Ele finalmente deu de ombros.

O Sr. Busby deixou escapar um suspiro, incapaz ou sem vontade de esconder sua frustração crescente. "O nome no interior do cartão. Parece ser o nome, bem, de outro menino."

Mikey assentiu. "Bobby Bryson." Disse ele, como se não tivesse nada a esconder.

Sua honestidade desarmou o Sr. Busby por um momento.

"Mikey, você deveria escrever cartões de Dia dos Namorados para alguém que você tem sentimentos."

"Eu tenho."

O relógio na parede assinalou em voz alta, o único som na sala por pelo menos mais meio minuto.

"Mas... você é um menino, Mikey. Meninos são supostamente escrever cartões de Dia dos Namorados para meninas, e vice-versa."

A testa de Mikey dobrou em confusão. "Pensei que você disse que eu deveria escrever para alguém que eu tenho sentimentos."

"Eu disse."

“Eu não estou entendendo.”

"O que você não entende?"

“Estou confuso. Estar se apaixonando sempre é confuso?"

O Sr. Busby tentou sorrir, os lábios mais finos que um lagarto. "Não se você fizer isso... corretamente." Ele levantou o cartão em questão. "Você entende que o que não fez *correto* aqui foi colocar o nome de outro menino no cartão."

"Mas eu..."

O Sr. Busby levantou a mão para parar Mikey de falar, então terminou a frase para ele. "... cometeu um erro. Nós sabemos. Mas podemos resolver isso agora, antes de ir em frente e fazer mais erros."

"Como?"

"Com um pouco de trabalho de casa."

Kate girava em torno da porta da cozinha, tentando ouvir a conversa entre o Sr. Busby e seu filho, antes da Sra. Clement a levar bastante firme pelo pulso e puxa-la para o balcão da cozinha.

“Venha, querida. Melhor não interferir. O Sr. Busby sabe o que está fazendo. Nesse meio tempo, podemos fazer nossa parte para ajudar. Cozinhar! Agora, onde está o corante rosa para a cobertura?"

"Mikey queria geada azul."

A Sra. Clement bateu um avental no ar e amarrou a corda em uma curva nas costas. "Sim, bem, nós estamos aqui para consertar isso, não estamos? Agora, pense rosa."

Distraidamente Kate olhou para a despensa, os olhos lançando a partir dos itens nas prateleiras da despensa até a porta da cozinha e de volta.

A Sra. Clement já estava peneirando a farinha e quebrando ovos. "E não se esqueça do açúcar, enquanto você está lá. Vamos fazer um lote de biscoitos tão doce, que nenhuma menina da minha turma será capaz de resistir ao seu filho."

"Sem ofensa, Sra. Clement, mas não acho que Mikey está interessado em quaisquer meninas em sua classe." Kate disse honestamente.

"Besteira." A Sra. Clement riu um pouco alto demais. "Becky Walters é tão bonita como um botão. E Bridget Yates é ao mesmo tempo bonita e inteligente. E você já conheceu a

pequena Shelley Tibbett? Um dia ela vai ser a melhor dona de casa em *Elk's Ridge*. Você não encontrou o corante, querida?"

Kate virou-se da despensa e colocou uma pequena garrafa sobre o balcão na frente da Sra. Clement. Seu conteúdo azul.

A Sra. Clement levantou uma sobrancelha e soltou um lacônico: "Humm."

"Talvez *eu* devesse assar este lote." Disse Kate.

"Talvez você devesse." A Sra. Clement respondeu rapidamente desamarrando o avental. "Mas me sinto compelida a aconselhá-la, Sra. Madsen, que, como uma mãe solteira você já tem o suficiente de desafios em criar um filho sozinha. Se o seu filho escolhe passar por uma fase boba como esta, então você como sua mãe deve escolher dissuadi-lo de perseguir esse caminho, com toda última fibra moral em seu ser. Pelo amor de Deus, fazer isso no interesse da orientação dos pais, se nada mais."

Quando a Sra. Clement saiu da cozinha num acesso de raiva, Mikey entrou segurando seu exemplar envergonhado de um cartão de Dia dos Namorados. "Mãe, o Sr. Busby disse que eu preciso fazer um novo cartão de Dia dos namorados... corretamente."

Kate trataria uma coisa de cada vez. "Mikey, diga adeus a Sra. Clement. Ela e o Sr. Busby estão saindo agora."

"Vejo você amanhã na classe, Mikey." Disse a Sra. Clement com toda pompa na sua voz. "Não se esqueça de levar o seu *novo* cartão de Dia dos Namorados para a escola. Antes tarde do que nunca."

Um momento depois, a porta de tela se fechou.

Kate e Mikey olharam para cada um por um minuto, antes de Kate se agachar ao lado de seu filho. "Você sabe, não tem que fazer um novo cartão, se realmente não quiser."

"Será que eu não ficaria em apuros?"

"Não, eu vou ter certeza disso. Neste momento, o mais importante é se você quer falar sobre qualquer coisa, se há alguma coisa que quer me dizer em tudo, estou aqui para você. Sou sua mãe."

Mikey olhou para o cartão em suas mãos. "Eu sei." Ele pronunciou timidamente: "Mas é só isso. Eu *não* quero falar com você sobre isso, por que... você é minha mãe."

Kate respirou fundo. "Oh meu Deus. Eu vejo." Ela parou por um longo momento, e simplesmente repetiu: "Oh meu Deus."

Meia hora depois, a campainha tocou.

Mikey tinha estado ocupado misturando e despejando a massa em uma assadeira de cupcake, errando, começando de novo, derramando farinha no chão e esfregando, enquanto trabalhava para o *tap-tap-tap* do martelar sendo feito pelo jovem trabalhador fora, fixando a escada para a casa da árvore. Mikey era como um pianista tocando para um metrônomo.

Enquanto isso, Kate estava andando para cima e para baixo na sala de estar ao mesmo som do *tap-tap-tap.* Até que, a campainha tocou.

Seus dedos clicaram ansiosamente contra as palmas das mãos por um momento, em seguida, fez os punhos de coragem antes que fizesse seu caminho até a porta.

Através da tela de malha ela viu as suas formas, um homem e uma mulher em seus anos sessenta.

"Olá, Kate." Disse o homem em tom ríspido.

“Frank. Mary. Entrem, por favor.” Kate abriu a porta e o casal de idosos, com os rostos sombrios, entraram na casa.

Desajeitadamente Mary beijou Kate na bochecha. "Como você está, querida? Você parece magra. Esta bem?"

"Eu estou bem." Respondeu Kate. "Muito obrigada por terem vindo. Eu não estava realmente certa de a quem mais... Eu sei que hoje é... É um dia ruim para todos..."

Frank cortou com impaciência. "Chega de bate-papo. Onde é que nosso neto está?"

Ao som da voz profunda do homem, dominante, Mikey apareceu na porta da cozinha, com as mãos endurecidas em uma mistura pegajosa de farinha, água, ovos e manteiga. "Vovô! Vovó!"

Mary sorriu. "Oh meu Deus, você parece que está em um pouco de confusão lá, Mikey. Venha, deixe-me limpar-te."

A mulher mais velha mudou-se rapidamente para o seu neto e o beijou na bochecha. Com uma mão suave em suas costas, ela o guiou até a cozinha.

Por um momento, Kate e Frank permaneceram em silêncio.

"Como você quer a sua xícara de café?" Kate ofereceu.

"Onde está o cartão?" Frank respondeu.

Ele tinha sido devolvido para a mesa do café, em antecipação s chegada de Frank e Mary. Kate acenou com a cabeça para isso agora.

Frank pegou, abriu-o e enrugou a testa com raiva. "Acho que vou levá-lo para a varanda para uma conversa. E sim, vou ter café. Forte."

Frank colocou as mãos em torno da caneca de café e sentou-se em uma das cadeiras na varanda dos fundos. Ele já tinha colocado a placa de contenção na pequena mesa lateral, ao lado de sua cadeira.

Em frente a ele, com as pernas balançando e incapaz de tocar o deck de sua cadeira, sentou-se Mikey.

Ele não tinha crescido muito no ano ou assim desde que Frank o vira pela última vez. Na verdade, a criança não tinha crescido muito em tudo.

Ocasionalmente, o menino olhou para o progresso que estava sendo feita na escada da casa da árvore no canto do quintal. Ele sorriu com prazer quando olhou para ela, em seguida, fez um pequeno beicinho, quando voltou seu olhar para o avô.

"É sobre o cartão do Dia dos Namorados, não é?" Mikey disse, olhando para o rosto severo de seu avô. "Minha mãe achava que eu deveria falar com alguém sobre isso, mas eu não queria falar com ela. O Sr. Busby tentou, mas o que ele disse realmente não faz sentido. Pelo menos não para mim."

"Há um monte de coisas neste mundo que não fazem sentido." Frank apontou para o cartão. "Que é um deles."

"O que você quer dizer?"

"Eu quero dizer que meninos não deveriam estar escrevendo cartões de Dia dos Namorados para os outros meninos. É simples assim."

"Por que não?"

"Porque sim."

"Por quê?"

"Porque eu disse que sim. Todo mundo diz isso."

"Por que todo mundo diz isso?"

"Porque os meninos devem jogar beisebol juntos. Eles deveriam andar de bicicleta até o riacho e construir barragens de paus e pedras. Eles deveriam subir em árvores e cair delas e quebrar seus braços."

Mikey parecia confuso. "Mas eu não gosto de fazer qualquer uma dessas coisas."

"Bem, talvez seja hora de começar. Comece a ser mais de um homem."

"Será que subir a escada até a casa na árvore? Isso vai ser corrigido em breve."

"Só se você torná-la um clube de meninos. Não é permitido meninas. Caso contrário, vai ter que trançar seus cabelos antes de conhecê-la."

"Eu não acho que gostaria de fazer isso também."

"Bom homem." Frank sorriu, encorajado pela resposta do rapaz. "Não quero que o meu único neto cresça para ser um cabeleireiro maricas."

"Mas eu não quero construir barragens, também."

"O que diabos há de errado com a construção de barragens? Seu pai trabalhava para construir barragens, quando ele era um garoto e cresceu para ser um engenheiro. Alguém para se orgulhar. Um homem de verdade."

Mikey fez uma pausa e disse calmamente: "Eu realmente não me lembro dele. Mas ainda sinto falta dele."

Frank estremeceu um pouco, como se a honestidade do menino colocasse uma pequena fenda em sua armadura. "Eu também."

"Quero ser alguém que ele teria ficado orgulhoso, assim como você é orgulhoso dele."

Frank pousou o café, pegou o cartão dos Namorados e entregou-o a Mikey. "Pode ser. E comece rasgando isso."

Os olhos de Mikey incharam em horror. "Mas... mas eu não quero."

"Há sempre coisas na vida que não queremos fazer, rapaz. Mas às vezes não temos escolha. Agora você quer que seu pai tenha orgulho de você, ou não?"

"Sim." Mikey sussurrou.

"Então, rasgue o cartão."

Mikey abriu a boca para falar, mas as palavras não saíam. Em vez tudo o que ele podia fazer era sacudir a cabeça.

Com um fragmento de conversa impaciente, Frank pegou o cartão de seu neto e, sem hesitar um segundo rasgou o centro, em seguida, dobrou-o e rasgou novamente. Ele jogou os

pedaços rasgados na mesa do lado e, mesmo sem perceber limpou as mãos na calça, como se fosse sujo. “É o suficiente. Certo. Tudo corrigido."

Mikey olhou em choque para os pedaços de cartão em forma de coração em cima da mesa, conforme seu avô levantou-se e apertou a bochecha do garoto com tanta força que doía. Não foi um gesto de carinho. Foi um gesto de controle.

"Você vai ficar bem." Disse ele, e Mikey viu os dentes de seu avô serem realmente apertados com raiva. "Tudo o que você precisa fazer é endurecer, isso é tudo."

E com isso o homem mais velho o soltou e se afastou.

Quando Frank e Mikey tinham saído para a varanda dos fundos, Kate e Mary foram para a sala de estar com suas xícaras de café. Depois de alguns minutos, o som solitário de café bebendo era tão insuportável que Kate teve de quebrar o silêncio. "Foi bom que ambos vieram. Obrigada.”

"Eu fico prometendo-me visitar mais vezes. Sinto muito que não temos. Não é você. Sou eu. Você não tem que dizer duas vezes. Mas sabe que está convidada a visitar. A qualquer hora.”

“Eu sei. E gosto disso. Já se passaram cinco anos, desde que..." Mary fez uma pausa, respirou fundo e outro gole de café. "Frank ainda está ... bem, para ser honesta, ele ainda pensa em Ben cada vez que a vê. Mas *eu estou* ficando cada vez melhor.” Lentamente. Ela limpou a garganta e se sentou um pouco mais reta, como se recolhendo a sua

determinação. "Além disso, gostaria de ver Mikey com mais frequência. Ele estará crescendo antes de nós o conhecermos. Eu não quero perder toda a sua infância."

"Eu não quero que o façam. Ele ama ambos. Apesar de..."

Mary tocou o antebraço de Kate. "Apesar do quê?"

Kate esperou um momento e as dúvidas girando em sua cabeça eram evidentes em seu rosto.

"Você acha que Frank era a pessoa certa para eu chamar? Quero dizer, ele e Mikey... Eu não tenho certeza que eles têm muito em comum."

"Eles são família." Disse Mary.

"Eu sei. Mas às vezes... quando se trata de momentos como este... Mikey só não tem um monte de homens em sua vida, e ele não queria falar comigo sobre isso, e eu só..."

O queixo de Kate de repente amassou como uma bola de tecidos em um punho com raiva.

Mary pousou o copo, deixou seu assento e passou os dois braços firmemente em torno de sua nora. "Está tudo bem, querida."

Kate enxugou os olhos antes de ter a chance de derramar suas lágrimas. Ela tomou uma respiração profunda, desigual e se acalmou o suficiente para dizer: "Às vezes, eu me pergunto sobre todas as coisas que nunca vamos ter, todas as coisas que eu nunca tive a chance de conhecer. Nós só estávamos casados há alguns anos quando ele morreu. Quão bem eu realmente o conheci?"

Com um sorriso amável, Mary pegou a mão dela. "Querida, eu ainda me faço a mesma pergunta sobre Frank. Como esposa e mãe... como uma mulher... nunca precisamos perguntar quão bem conhecemos alguém."

"Nós só sabemos o quanto nós os amamos. É ônus de uma mulher, e um presente, amar incondicionalmente."

"Sim, eu sei que Frank está longe de ser perfeito. E assim era Ben. Nos todos somos. Mas nós os amamos de qualquer jeito."

Naquele momento, Frank entrou na sala de estar. "Tudo deve estar bem, agora." Ele anunciou em sua mal humorada voz rouca. "Ele só precisava de um pouco de amor duro."

"Não muito duro, eu espero, meu querido." Disse Maria.

"Ele vai estar bem." E com isso Frank se dirigiu para a porta da frente, como se esperasse que sua esposa o seguisse.

Mary deu um tapinha na mão de Kate enquanto se levantava. "Espero que Mikey esteja bem, não vou incomodá-lo. Dê-lhe um beijo de despedida por mim. E me ligue se precisar de alguma coisa. Qualquer hora em tudo."

"Eu vou." Kate acenou com gratidão.

Quando Frank e Mary saíram, Kate saiu para a varanda dos fundos para encontrar seu filho. Mas não havia nenhum sinal de Mikey ao redor, apenas a caneca de café que Frank tinha deixado em cima da mesa ao ar livre. Ela ouviu o martelar do faz-tudo agora inclinado para fora da casa da árvore, consertando os degraus superiores.

Kate atravessou o quintal ao pé da velha árvore. "Você viu Mikey?" Ela chamou da escada.

O jovem faz-tudo olhou para baixo, em seguida, olhou através da casa e acenou com a cabeça. Kate percebeu que ele estava no nível dos olhos com uma janela do segundo andar.

A janela de Mikey.

A batida na porta do quarto de Mikey foi seguida pela voz de sua mãe.

"Mikey? Você esta bem?"

Mikey não respondeu.

Kate abriu a porta para encontrar seu filho sentado na pequena mesa sob sua janela do quarto. Quando ela entrou e olhou por cima do ombro, viu que ele estava colando partes de seu cartão de Namorados juntos novamente.

"Mikey? O que aconteceu?"

"Vovô disse que eu tinha de rasgar o cartão." Afirmou o assunto com naturalidade, não girando em torno de sua tarefa. "Quando não fiz isso, ele fez isso por mim."

"Oh, querido... Ele não deveria ter feito isso. Desculpe-me, eu pedi-lhe para falar com você."

"Ele disse que o pai só ficaria orgulhoso de mim se eu rasgasse o cartão."

Kate rapidamente se agachou ao lado de sua cadeira e colocou seu filho em um abraço protetor. "Oh, querido, não. Isso não é verdade. O que ele disse está errado. Seu pai te ama, ele está orgulhoso de tudo que você faz."

"Então, por que eu me sinto como se tivesse feito alguma coisa errada?" Mikey perguntou, sem tirar sua atenção de remendar seu cartão.

"Você não tem."

"Mas todo mundo está agindo como se fiz."

"Ok? Você não fez nada de errado. Acabou de pegar todo mundo de surpresa, isso é tudo."

"Mas por quê? Foi todo mundo surpreso quando você se apaixonou por papai?"

Kate fez uma pausa. "Bem... não."

"Então por que está todo mundo tão surpreso agora? Será que é porque eu sou muito jovem?"

"Isso é provavelmente uma razão."

"Então por que a Sra. Clement nos disse para fazer os cartões na sala de aula, se somos muito jovens? E por que ela não tomou o cartão dos Namorados de qualquer outra pessoa longe? É porque eu queria dar o meu para um menino, não é isso?"

Kate acariciou o cabelo de seu filho. "Querido, eu não me importo para quem você quer dar seu cartão."

"O Sr. Busby se importa. A Sra. Clement se importa. O vovô se importa."

"E eu nunca deveria tê-los deixado falar com você, sinto muito. Eu deveria ter prestado mais atenção a você, você apenas está crescendo tão rápido. Se isso é culpa de alguém, é minha."

Mikey finalmente parou de colar o cartão juntos e se virou para sua mãe. "Por que tem que ser culpa de alguém?"

Kate não tinha uma resposta.

Mas depois de um momento, ela tinha um beijo que colocou sobre a cabeça de seu filho. "Eu te amo. Você sabe disso, não é?"

Mikey balançou a cabeça e disse: "Eu também te amo."

"O que dizer sobre você e eu terminarmos esses cupcakes?"

Mikey sorriu. "Com a geada azul em cima?"

Kate assentiu. “Pode apostar.”

Os cupcakes na assadeira saíram um pouco queimados, mas nada que uma camada grossa de azul açucarada não pudesse consertar. Kate misturou a geada e entregou a taça para Mikey, que escolheu o mais gordo, o mais delicioso cupcake de aparência de todo o lote e com um grande sorriso em seu rosto começou a manchar em glacê azul.

Quando a campainha tocou mais uma vez, Kate deixou seu filho terminar o seu cupcke especial.

Enquanto se movia em direção à porta, Kate se preparou, no caso do Sr. Busby ou Sra Clement voltarem para mais uma rodada de perguntas, ou talvez Frank voltasse a rasgar mais corações. Ela se preparou para levá-los todos para longe, para dizer a quem estava na porta, que seu filho não precisava de seu conselho ou ajuda, ele só precisava ser ele mesmo.

Mas quando se aproximou da porta de tela, enxugando as mãos em uma toalha de chá para limpar manchas de geada azul, Kate parou em surpresa.

Do outro lado da porta de tela, Pete Albright, o carteiro, viu a expressão de Kate e começou a pisar nervosamente de um pé para o outro.

"Oh, me desculpe." Ele murmurou. "Você está ocupada, eu não deveria ter vindo."

"Pete. Não, eu não estou ocupada. Eu estava ajudando meu filho na cozinha." Ela notou um envelope em sua mão quando abriu a porta de tela. "Você esqueceu um pouco do meu correio? Não precisa deixá-lo agora, tenho certeza que isto poderia ter esperado até amanhã. É provavelmente outra conta."

"Na verdade..." Pete parou desajeitadamente, deixando cair seus olhos quando ele levantou o envelope.

Era vermelho.

O tipo de envelope feito para um cartão.

Pete riu de seu nervosismo e humildemente disse: "Feliz Dia dos Namorados, Sra. Madsen."

"Oh." Foi à resposta com os olhos arregalados de Kate.

Envergonhado, Pete rapidamente virou-se e novamente soltou: "Eu sinto muito, eu não deveria ter..."

"Não, não, não. Por favor, não vá." Kate saiu correndo pela porta de tela e pegou Pete pelo cotovelo. "Não se desculpe, eu não quero parecer tão surpresa. Tem sido um dia estranho, isso é tudo."

Pete sorriu timidamente. "Eu sempre acho que Dia dos Namorados é estranho."

"O que você quer dizer?"

"Não entendo por que as pessoas têm de mostrar o seu amor um para o outro em apenas um dia. Se você ama alguém, não importa o dia do ano em que você diga a eles."

"Eu suponho que você está certo."

"Eu sinto muito, pareço estranho, não? Não sou muito bom nesse tipo de coisa. Você acha que eu seria um especialista, agora, oferecendo tantos cartões para tantas pessoas no Dia dos Namorados. Mas eu nunca entreguei o meu próprio cartão a ninguém. Só que agora..."

Ele segurou o cartão de Kate e ela levou-o suavemente.

"Eu espero que eu não esteja sendo muito a frente."

"Nem um pouco." Disse ela. "Estou lisonjeada. Acho que não sou muito boa nesse tipo de coisa também."

Ela apontou para o velho banco na varanda da frente e perguntou: "Você gostaria de sentar-se por um minuto?"

Pete assentiu com um sorriso.

Sentaram-se e Kate disse: "E se eu abri-lo agora?" Ela estava falando sobre o cartão.

Pete encolheu os ombros. "Hum... com certeza. Não é nada de especial."

"Ninguém me deu um cartão dos Namorados, desde antes de meu marido morrer. Isso o torna especial."

Os olhos de Pete dançavam nervosamente sobre as tábuas da varanda.

Quando Kate abriu o envelope e tirou o cartão em forma de coração, Pete bloqueou as mãos na borda do assento, para impedi-las de tremer.

Ela abriu o cartão e depois de um momento, disse: "Sim, eu gostaria." Estava respondendo a pergunta que ele tinha escrito no interior de seu coração.

Querida Kate, gostaria de ver um filme comigo algum dia?

Mikey colocou o cartão dos Namorados colado junto com o cupcake com geada azul cuidadosamente em sua pequena mochila, içou sobre os ombros e saiu pela porta dos fundos da casa.

Ele saiu para a varanda de trás, olhou para o quintal e respirou fundo por coragem.

De dentro da casa na árvore no alto do canto do quintal, entusiasmado, o jovem faz-tudo apareceu e viu Mikey. Ele chamou até com um sorriso no rosto. "Hey Mikey, a escada está resolvida. Quer dar uma olhada?"

"Eu quero." Mikey murmurou para si mesmo, seu estômago uma floresta cheia de borboletas. Com confiança ele atravessou o pátio para a árvore, que parecia mais alta e mais assustadora do que nunca.

Chegou à base do tronco e olhou para os degraus da escada, incapaz de contar o que pareciam ser milhares de degraus e passos entre ele e a casa da árvore.

Muito acima, o rosto sorridente do faz-tudo apareceu. "Você pode fazer isso."

Mikey ajustou a mochila nas costas, certificando-se que as correias estavam apertadas. Com toda sua força ele agarrou um degrau, os nós dos dedos brancos, antes que se chutou fora do chão. Lentamente, começou a subir, deixando o mundo para trás, olhando para cima, cima, cima, enquanto subiu mais e mais.

A cada passo o mundo parecia um pouco menor, e o próprio Mikey parecia um pouco maior.

Com uma mão, depois a outra, ele puxou a si mesmo cada vez mais perto de seu destino.

Três degraus da casa da árvore, o coração de Mikey pulou uma batida quando o jovem faz-tudo estendeu o braço forte e pegou a mão de Mikey para ajudá-lo. Mikey olhou para cima e sorriu quando ele teve um vislumbre do nome costurado no peito da camisa de trabalho.

Bobby.

Mikey chutou seus pés fora dos degraus conforme Bobby levantou-lhe o resto do caminho para cima, puxando-o para a segurança da casa da árvore.

"Então, o que você acha?" O jovem sorriu animadamente. "Você sabe que eu costumava ter uma igual quando era criança?"

"É muito legal." Mikey disse, com os olhos como pratos.

Quando olhou para fora da pequena janela na lateral da casa da árvore, Bobby se juntou a ele e apontou. "Você pode ver todo o bairro a partir daqui. Olha, há o posto de gasolina do Sr. Grayson. E há a Rua Principal por lá. E olha St. Anthony... Acho que estamos tão alto como o pináculo da igreja."

"Isso é tão legal." Mikey repetiu.

"Você sabe, eu poderia construir-lhe algumas cadeiras e uma mesa, se quiser. Assim, pode fazer este lugar o seu próprio. Pode fazer sua lição de casa aqui em cima. Estocar lanches e refrigerantes. Você sabe, se tiver um balde e uma corda amarrada a ele, você poderia levar suprimentos para cima e para baixo."

Mikey olhou para Bobby em adoração e disse: "Você é tão legal."

Bobby riu um pouco, lisonjeado. "Essa é a terceira vez que você disse a palavra 'legal'. Acho que realmente gosta dela aqui em cima."

"Eu gosto." Mikey sussurrou novamente. Então bravamente disse: "Eu fiz uma coisa."

Bobby olhou para ele inocentemente. Curiosamente. "Você fez?"

Mikey foi sentar-se de pernas cruzadas no chão, mas antes que pudesse fazê-lo, Bobby pegou um trapo velho do bolso de trás e bateu as placas empoeiradas algumas vezes para que ambos pudessem se sentar. Mikey piscou em adoração, em seguida, pegou sua mochila fora e sentou-se de pernas cruzadas no chão. Bobby se sentou em frente a ele, com um sorriso curioso no rosto.

Mikey tentou esconder o tremor de suas mãos quando abriu o zíper da mochila, e talvez pudesse ter sucesso. Mas quando ele tirou o cupcake, e, em seguida, o cartão, não havia como disfarçar os nervos. Nem mesmo em sua voz.

"F-Feliz Dia dos Namorados, Bobby." Ele proferiu em voz baixa.

Por um instante, tudo pareceu congelar no tempo.

Mikey sentado ali segurando o bolinho e cartão.

Bobby sentou-se em frente, sem se mover ou dizer uma palavra.

Então, lentamente, um sorriso se espalhou pelo rosto do faz-tudo quando disse. "Obrigado, amiguinho."

O coração de Mikey começou a bater de novo, tão rápido que pensou que estava a ponto de explodir em seu peito, no gentil tom de aceitação na voz de Bobby.

Quando Bobby pegou o cartão primeiro, depois o bolo, ele disse. "Você fez isso? Para mim?"

Mikey acenou com a cabeça, incapaz de falar agora.

“Uau. Eu não sei o que dizer.”

Bobby abriu o cartão que tinha sido tão delicadamente colado junto novamente. Ele leu a mensagem dentro na mais pura letra de Mikey.

"Sinto muito se ele é um pouco difícil de ler." Mikey solicitou. "Eu tive a fita sobre a carta para colocá-la de volta novamente."

“O que aconteceu com isso?”

Mikey balançou a cabeça, como se dissesse que não queria falar sobre isso. Em seguida, mudou de ideia, sentindo como devia a Bobby uma explicação. "Meu vovô o rasgou."

"Ele leu isso?"

"Todo mundo o leu. Cada um fez um negócio tão grande sobre isso. Mas eu não entendo por que, porque..."

"Por quê?"

Mikey encheu seus pulmões com pouco fôlego longo. "Porque acho que eu te amo, Bobby Bryson."

Bobby suspirou através de seu sorriso. "Isso é... tão doce. Mas por que eu, Mikey? Não me interprete mal, não posso te dizer como estou lisonjeado. Mas só venho alguns dias, para ajudar em casa. Eu só vim para consertar o telhado."

"Eu sei, mas você é tipo bonito e quando vejo você... Eu me sinto especial. Não sei por que, mas tudo de ruim vai embora. Deixo de pensar sobre as intimidações na escola ou a forma como mãe se sente triste sempre que menciono o pai. Você me faz sentir feliz. Você me faz sentir seguro. É por isso que acho que eu te amo. Não é isso que é o amor?"

"Acho que sim... Acho que o amor é um monte de coisas. Eu realmente não sei, sou apenas um faz-tudo."

"Você acha que está tudo bem para dois meninos amar uns aos outros?"

Bobby sorriu com uma sobrancelha levantada. "Eu certamente espero que sim. Caso contrário, eu tenho algumas explicações a dar para o meu namorado, Joel."

Mikey endireitou-se, de repente, emocionado. "Você tem namorado?" Mas tão rapidamente como a emoção encheu, desapareceu apenas com a triste constatação: "Acho que você o ama, não é. Acho que você não me ama, então."

"Você está certo, eu o amo. Mas isso não significa que eu não posso te amar como um amigo também. Além disso, há um pouco de diferença de idade entre nós, você não acha?"

"Eu sei, mas não me importo. Eu posso esperar até que seja velho o suficiente."

"Confie em mim, pelo tempo que você tiver idade suficiente, vai encontrar alguém que vai cair de cabeça sobre os saltos no amor, e ele vai fazer o mesmo com você. Você é um bom garoto, Mikey. Boas pessoas sempre encontram o amor."

"Minha mãe é uma boa pessoa. Por que ninguém a ama?"

"Você a ama, não é?"

Mikey assentiu, mas acrescentou: "Quero dizer a alguém como o meu pai?"

"Isso vai acontecer, não se preocupe. O amor vem para todos em algum momento de suas vidas. E, às vezes mais de uma vez. Isso vale para você também. Nesse meio tempo, eu sempre vou ser seu amigo."

Mikey sorriu com o pensamento. "Eu gostaria de ter um amigo. Realmente não tenho nenhum. Todo mundo na escola está muito ocupado rindo de mim ou me batendo."

O sorriso de Bobby se transformou em uma carranca furiosa. "Por que você os deixa fazer isso?"

Mikey não entendeu a pergunta. "Eu não sei. Eles simplesmente fazem isso."

Bobby tirou uma caneta do bolso da camisa e pegou na mão de Mikey.

Naquele momento, Mikey pensou que ele poderia subir a partir do chão. Ele pensou que todo o seu corpo poderia levitar magicamente e afastar-se em uma nuvem de... O quê? Amor? Adoração? Felicidade? Ele não sabia, tudo o que sabia era que a única coisa impedindo-o de flutuar agora era a mão de Bobby segurando a sua.

O faz-tudo espalhou a palma da mão de Mikey.

Ele começou a escrever sobre a pele macia de Mikey, a ponta da caneta afiada na palma da mão. Mikey não se importava.

"Este é o meu número de telefone. Da próxima vez que alguém rir de você, ou tentar te bater, você me chama. Se eles querem machucar meu amigo Mikey, terão que passar por mim primeiro. Você vai fazer essa promessa?"

"Eu prometo." Mikey disse em uma voz que era quase inaudível.

Bobby assentiu. "Amigos para sempre, você e eu. Ok?"

"Ok."

"Mas você tem que me prometer outra coisa também."

"Qualquer coisa."

Bobby sentou-se a frente e assim o fez Mikey, ouvindo atentamente enquanto Bobby explicou: "Você vai encontrar um monte de pessoas na sua vida que não gostam de você,

apenas por causa de quem você é. Vai pensar que é injusto, e que está certo. Eles vão fazê-lo irritado. Às vezes, vão fazer você chorar. Mas nunca os deixe faze-lo pensar que são melhores do que você. Nunca os deixe fazer pensar que não vale nada, ou errado, ou não pode ser amado. Porque tudo o que dizem vem do medo, do ódio e da ignorância. E só há uma forma de combatê-la."

"O que é isso?"

"Ame a si mesmo, ame quem você é. Ame as pessoas que te apoiam, ame as coisas boas que você faz. Sempre e para sempre, ame a si mesmo, Mikey."

Bobby sorriu e estendeu a mão para o rosto de Mikey.

Com um roce suave do seu polegar, Bobby enxugou uma lágrima que Mikey nem percebeu que tinha chorado, simplesmente porque estava muito ocupado sorrindo para a sabedoria das palavras de Bobby.

"Diga," Bobby sorriu de volta. "Quer compartilhar o meu bolinho?"

Com uma fungada, Mikey concordou em êxtase.

As grandes fortes mãos de Bobby Bryson, quebraram o bolo em dois com tanto cuidado como ele conseguiu. Entregou a metade do cupcake para Mikey e juntos os dois comeram, as bocas cobertas de glacê azul e seus queixos coberto de migalhas.

Quando terminaram, Bobby disse a Mikey. "Eu tenho que ir agora, Joel está me esperando em casa. Você vai ficar bem?"

Mikey sorriu e disse: "Acho que sim."

Quando Bobby levantou-se e arrumou as ferramentas em seu cinto de ferramentas, Mikey perguntou se ele precisava de uma mão em voltar para baixo da escada, no que o menino respondeu: "Não, vou ficar bem. Acho que vou ficar aqui por um tempo mais longo."

Com um aceno amigável no cabelo de Mikey, Bobby disse adeus e começou a descer a escada que conduzia para baixo da árvore.

Mikey observava da porta da casa da árvore, e quando Bobby chegou ao fundo e atravessou o quintal, ele voltou uma vez e chamou com um aceno. "Feliz Dia dos Namorados, Mikey Madsen."

Mikey acenou de volta e gritou: "Feliz Dia dos Namorados, Bobby Bryson."

Naquela noite, Mikey fez um cartão de Dia dos Namorados novo, assim como o Sr. Busby lhe pediu. Só que não era para qualquer menina em sua classe. Não era para ninguém em tudo.

A mensagem dentro do cartão que Mikey fez, simplesmente lia:

Seja meu Namorado

Mikey Madsen Jϑ

FIM

Acesse meu blog: http://angellicas.blogspot.com